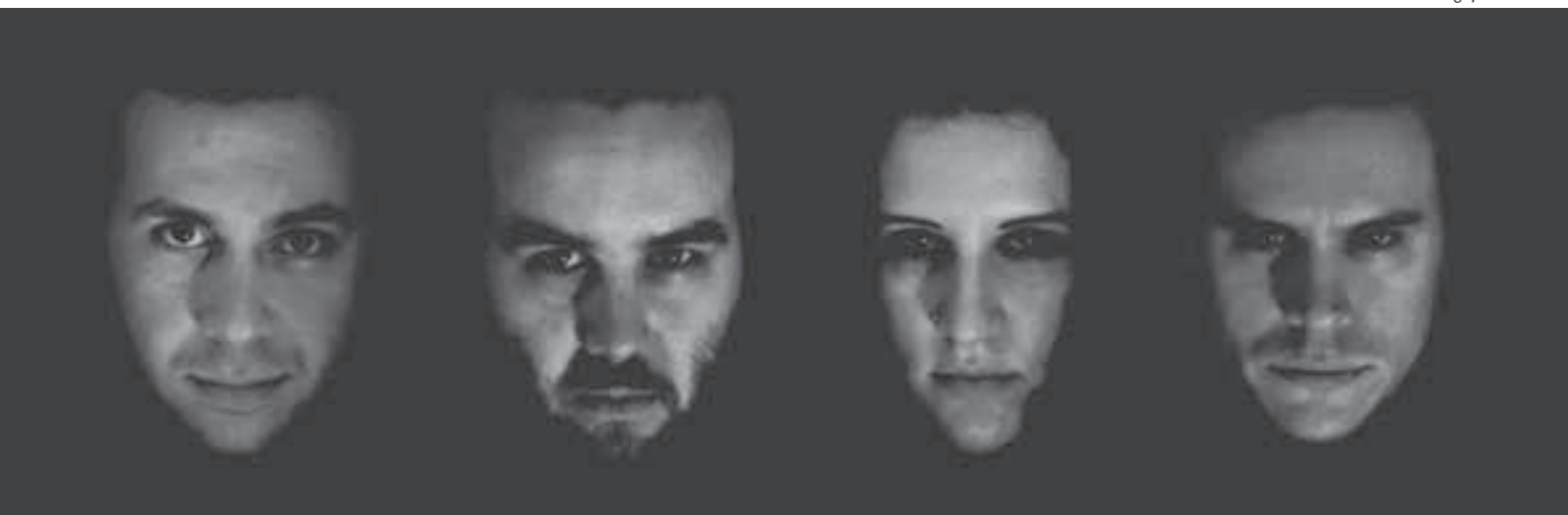


## Rock in ídish

Divulgação



### David Somberg entrevista a banda Dibbukim

Página 5

#### E MAIS...

- 2 EDITORIAL  
O que seremos?
- 3 COMUNIDADE  
Cortar, onde?  
RENATO MAYER
- 6 SECURON (parte 2)  
Ruas estranhas  
MOTL POLANSKY
- 8 BECO DA MÃE  
Érico e Israel  
HENRIQUE  
VELTMAN



9 ARGENTINA  
Por uma AMIA laica  
DANIEL SILBER

10 PALESTINOS  
A reconciliação  
SHLOMO BROM

11 CARTAS  
NOTAS

## NÃO PERCA!

FESTA DO  
47º aniversário  
da ASA

Show do grupo folclórico

**PIXAINHO**

Depois do show, SERÁ SERVIDO  
UM LANCHE.

DIA 21 DE AGOSTO, DOMINGO, ÀS 18HS  
INGRESSOS: R\$ 10 | Local: Auditório

ESTACIONAMENTO (paço) NO LOCAL

METRÔ: Botafogo, saída São Clemente,  
sentido Humaitá



## O que seremos?

O ciclo “Os judeus no Rio”, que realizamos em maio (leia nota na pág. 12), ajudou a desenhar um painel da comunidade judaica em nossa cidade. Além de rastrear as origens da chegada e fixação de judeus no Rio, registrou dúvidas e inquietações sobre o presente e o futuro comunitários.

Num dos momentos mais polêmicos de todo o ciclo, um dos debatedores afirmou não passar de mito a existência de uma unidade dentro da comunidade judaica. Excetuando-se poucos episódios, como aconteceu no momento da criação do Estado de Israel (quando, por particularidades da política internacional e por um período relativamente curto, sionistas e progressistas marcharam juntos), a regra é o dissenso e a afirmação das diferenças. Ashquenazim e sefaradim, religiosos e laicos/ateus, sionistas e não sionistas, há polaridades para todos os gostos. Ironicamente, os que enxergam uma coesão, de resto fictícia, são os antissemitas.

Projetar um futuro comunitário implica responder algumas questões vitais:

1) Há uma queda consistente no número de alunos nas escolas judaicas. Por quê? É um processo reversível? Qual é a qualidade do ensino judaico, entendido como transmissão de informações que vai além das tradições religiosas e da hegemonia curricular do nacionalismo judaico?

2) Como a ascensão social dos judeus repercute na preservação ou diluição da cultura judaica ?

3) Há futuro para a vida institucional judaica em meio a um claro vazio de participação das novas gerações ?

4) A inexistência de antissemitismo institucionalizado acelera o processo de assimilação dos judeus à sociedade brasileira. Daí resulta, por exemplo, um crescimento nos chamados matrimônios mistos. De que forma isso é incorporado aos vários espaços comunitários? Os cônjuges não judeus são respeitados ou discriminados ?

A forma como estas e outras questões serão enfrentadas determinará o futuro perfil da vida judaica em nossa cidade. ■

### Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001  
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740  
Home page: [www.asa.org.br](http://www.asa.org.br) e-mail: [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br)

**Presidente** Mauro Band

**Vice-presidentes** Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

**Secretárias** Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

**Tesoureiros** Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

**Diretores** Jacques Gruman, Clara Goldfarb,  
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



*ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.*

**Home page:** [www.asa.org.br](http://www.asa.org.br)  
**e-mail:** [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br)

#### **Editora e Jornalista Responsável**

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

**Colaboradores do Boletim:** David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

**Programação Visual:** Hama Editora

**Impressão:** Stamppea

**Tiragem:** 2.200 exemplares

**Capa:** Banda Dibbukim

*As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.*

### NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



**Estes dançam**



Regente Claudia Alvarenga

**Estes cantam**

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30  
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

AULAS DE ÍDISH - Quinzenalmente, quintas, das 19 às 20 horas,  
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

# Cortar, onde?

Renato Mayer / Especial para ASA

Esqueça o que diz a imprensa conservadora, sempre sôfrega em apontar que o governo gasta mal e em demasia. Esqueça o que dizem as autoridades, a seu modo também conservadoras. Ao contrário da aparência de continuidade, não teremos mais do mesmo: a situação está mudando. “Pibão em 2010 foi bom, mas não se repetirá”, corrobora a nossa presidenta. Pode demorar mais, pode demorar menos, talvez não seja uma crise, mas há dificuldades à frente.

O que relutam em dizer é a razão dessas dificuldades: o crescente endividamento interno do setor público sufocando a disponibilidade de recursos para a realização dos investimentos governamentais e a viabilização de seus compromissos. A dívida pública interna (a externa está sob controle) cresce continuamente, já ultrapassando R\$ 1,6 trilhão. Os pagamentos dos juros dos títulos públicos alimentam os credores, desde os pequenos investidores, com suas aplicações financeiras, até os grandes bancos, os quais exibiram lucros fantásticos, nunca vistos, no exercício do último ano.

Daí, a velha história: cortes e mais cortes, adiamentos de compras essenciais, suspensão de investimentos, de concursos públicos e contratações, interrupção de programas de governo, diminuição e corrupção da fiscalização, paralisação e degradação do que já foi feito e sustado. No mesmo 1º de março em que se anunciava, para celebração dos meios de comunicação, a redução de R\$ 50 bilhões de despesas no Orçamento da União, o *Monitor Mercantil* teve a candura de publicar: “Já os gastos em juros, que consumiram R\$ 195 bilhões no ano passado, não sofreram qualquer redução.”

Pode-se culpar o Programa Bolsa Família, tão policiado pelos conservadores? Não, este não sofreu corte, vai até aumentar um pouco: beneficia mais de 50 milhões de pessoas e custou, em 2010,

cerca de R\$ 13,4 bilhões, ou seja, nem 7% do que o governo gastou com juros nesse ano. E ainda nos sobram, segundo o Censo de 2010, 16,2 milhões de brasileiros na extrema pobreza, definida como uma renda mensal por membro de família de R\$ 70,00 ou menos, majoritariamente de cor de pele parda ou negra e – pasme! – em áreas urbanas.

Os juros sobre os títulos da dívida pública foram elevados e não diminuídos; por conseguinte, os pagamentos serão, em

**Não é, porém, o que determina a tradição judaica.**

2011, maiores do que no ano passado. Conforme escreve o economista Miguel Bruno: “É essa renda de juros que tem o maior peso na elevação do estoque da dívida pública interna e não o fato de o Estado brasileiro ser, supostamente, grande, perdulário e ineficiente, como pretende a vulgata neoliberal.” Parece claro, então, que o Estado brasileiro não pretende cortar nem um tiquinho da renda dos que vivem de empréstimos, juros e aplicações financeiras, os chamados setores rentistas. Na imprensa, esses setores, que são pessoas e instituições muito reais, aparecem comumente na forma de um impalpável “mercado”.

Escolher onde fazer reduções de gastos, o que será cortado, quem vai perder e quem vai continuar ganhando, não é, porém, uma questão só do governo. Com efeito, pesquisas recentes dão conta de que, na média, o brasileiro destina mais de um quinto da sua renda para pagamento de dívidas. No início da década passada, esse percentual não chegava a 15%, valor próximo ao do americano médio. Nos

primeiros quatro meses de 2011, os consumidores brasileiros já tinham destinado aos bancos R\$ 54,4 bilhões só de pagamentos de juros de empréstimos e financiamentos. Contrair dívidas passou a ser também um hábito do cidadão comum, que, para honrar os seus compromissos (ou dar o calote?) se defrontará mais dia, menos dia, com a necessidade de fazer essa opção: onde cortar?

Colocado diante dessa pergunta, endividado ou simplesmente apertado, saberia o leitor respondê-la?

“Cortaria o supérfluo”, seria a resposta mais esperada. Mas o que é supérfluo?

Contribuições a associações, clubes, sociedades beneficentes, instituições culturais, fundos de ajuda e solidariedade costumam ser as primeiras a serem adiadas ou mesmo eliminadas. “Não está mais dando para pagar” é o que seus representantes se acostumam a ouvir. Não importa o quanto essas organizações prestam de serviços relevantes à comunidade, se poderão sobreviver ou não, se tantas outras pessoas serão prejudicadas com a falta daquele recurso. Entre “manter o padrão de vida”, as compras no shopping, o bom restaurante, o carro novo, a viagem planejada, a festa de formatura da filha, serão aquelas as mais sacrificadas no refluxo de individualismo intenso que acomete o cidadão: “Eu mereço: primeiro, o meu bem-estar.”

Não é, porém, o que determina a tradição judaica. É mais profunda a noção que circula entre nós: o bem-estar do outro é o nosso próprio bem-estar. Daí o conceito da *tzedaká*, tomado aqui em um sentido mais amplo, de responsabilidade social. A palavra deriva do hebraico *tsedek*, significando justiça e não caridade, a obrigação de ajudar os outros a despeito de quaisquer agruras financeiras pelas quais estejamos atravessando.

Tem sido assim desde tempos imemoriais. Do *Derech Erets Zuta*, tratado ético

que compõe o *Talmud* da Babilônia, concluído nos primeiros séculos da Era Cristã, cita-se que “se quiseres manter próximo o afeto de teu amigo, torna tua a preocupação com o bem-estar dele”. Comentando a passagem, o rabino Eliyahu Dessler, um erudito que morreu em Londres, em 1953, escreveu: “Não há ninguém no mundo inteiro que não possua pelo menos uma faísca da faculdade de doar...Nenhuma alegria é completa se não for partilhada com os outros.”

Essa obrigação moral e material da *tse-daká*, recomendada nos tratados religiosos como de, pelo menos, um dízimo, foi muito lembrada, sobretudo nos Estados Unidos, por ocasião da recessão de dois anos atrás. Os judeus americanos, compelidos a “apertarem os cintos”, interrogaram-se sobre a obrigatoriedade de manterem

suas contribuições. Rabinos ortodoxos, conservadores e reformistas concordaram com o mesmo ponto de vista: trata-se de um dever de todos e de cada um, algo que se coloca na categoria de ações nas quais o indivíduo não tem escolha, mas obrigação. Tão enfática como chamamento à solidariedade e à correção, que se aplica até ao pobre que foi por ela beneficiado, também ele sujeito à obrigação de dar uma parte do que recebeu como *tse-daká*.

Em suma: ninguém precisa quebrar ou ir à falência para assegurar sua condição de contribuinte ou de doador de *tse-daká*, mas é sempre bom lembrar que há gente muito mais pobre do que nós, que as organizações terão dificuldades muito maiores com terceiros se deixarmos de apoiá-las materialmente e que sempre podemos, em benefício do coletivo, optar por cortar ou

adiar algum de nossos desejos de consumo quando olhamos em volta e vislumbramos carências de toda ordem.

No Brasil, depois de tantos anos de anunciadas e reais melhorias, é difícil conviver com a possibilidade de retrocessos na economia. Mas, se eles sobrevierem, lembremos em nossa economia doméstica, aquela do dia-a-dia, do que prega a tradição judaica, temperada em séculos de reflexão, sofrimento e empatia. Mesmo na contracorrente do que se passa no país, subserviente à mentalidade do egoísmo consumista e ao interesse dos mais ricos, vamos dar a mão a quem precisa. Se nós estamos mal, pessoas, instituições, associações estarão, com certeza, muito pior. ■

**Renato Mayer** é colaborador do Boletim ASA.

*Doce De Leite*  
Confeitaria artística  
Tradição em bolos e doces

---

*Fazemos as delícias do seu evento*

Pão de Mel (Especialidade da casa) - Doces  
Bolos - Bem-casados - Cardápio judaico

21 2551-2630 (Claudete) | 3657-8812 (Graça)



**bervel**  
Bervel  
empreendimentos

Administração de condomínios  
Locação de imóveis  
Assessoria imobiliária

---

Centro: 2212-6100  
Fax: 2212-6101  
Barro: 3321-5871 / 3325-4241  
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana  
Telefone: 2255-7491

Mauro Acselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema  
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852  
E-mail: acsel@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos  
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929  
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Ano passado, uma banda estreante de heavy metal da Suécia lançou no YouTube um vídeo com sua versão da canção Oifn veg shteit a boim. A ideia poderia parecer inusitada, mas uma banda israelense já havia gravado versões pesadas de canções tradicionais em ídish. O original da iniciativa sueca era o anúncio de que a banda lançaria em 2011 um CD em ídish, reunindo não apenas versões de músicas

antigas, mas também composições próprias! Gravado o CD – [www.dibbukim.com](http://www.dibbukim.com) ou [dibbukim@live.se](mailto:dibbukim@live.se) –, resolvemos entrevistar Niklas Olniansky, líder da banda Dibbukim.

Paris ou de outra grande comunidade *haredi*. Nós esperamos ajudar a trazer o ídish de volta à vida no contexto do secularismo e dos ramos mais liberais da religião. Não somos pioneiros. Muita gente publicou material em ídish antes de nós, mas se queremos uma língua rediviva para além do mundo da ortodoxia religiosa, precisamos produzir ondas de material novo. De toda forma, considero qualquer um que desbrave novos espaços com o ídish um herói!

# Rock pesado na *mame loshn*

David Somberg / Especial para ASA

## ASA - Quem são vocês?

**Dibbukim** - Nós somos a única banda de metal que escreve material novo na *mame loshn*. Nosso estilo musical mistura a velha tradição klezmer com o hard rock moderno, criando uma combinação única. A banda é formada por quatro membros – eu e minha esposa Ida (vocais) e nossos grandes amigos Magnus Wohlfart (guitarras) e Jacob Blecher (bateria). Recentemente, lançamos nosso primeiro disco, *Az a foygl un a goylem tantsn*, com composições próprias e versões de velhos clássicos ídish!

## ASA - Quando e por que resolveram cantar e compor em ídish?

**D** - Em 2009 eu e Ida começamos a discutir a possibilidade de iniciarmos juntos um projeto musical. Queríamos algo que fosse novo e único. Ida teve a ideia de fazermos heavy metal com letras apenas em ídish. Então chamamos Magnus Wohlfart e gravamos nosso primeiro single, *Oifn veg shteit a boim*.

## ASA - Qual era a sua relação com o ídish?

**D** - Tanto eu como Ida aprendemos ídish na Universidade de Lund. Mas o avô da Ida costumava cantar canções de ninar em ídish quando ela era pequena, então ela tem alguma experiência mais familiar. O motivo de termos estudado ídish não tem a ver com a banda, pois essa foi uma decisão posterior. Nós simplesmente amamos a língua e a cultura e foi por isso que quisemos aprendê-la.

## ASA - Que tipo de estudantes tem interesse em estudar ídish atualmente na Suécia?

**D** - O ídish é uma das línguas minoritárias oficiais na Suécia, e há algum tempo a Universidade de Lund foi indicada pelo Estado para oferecer cursos na *mame loshn*. Entre os estudantes há velhos e jovens, desde os que buscam conhecer melhor

suas raízes até os que simplesmente têm interesse na língua.

## ASA - Como são suas relações com outras bandas e com os fãs de heavy metal na Suécia e nos países vizinhos? Vocês têm tido algum retorno de organizações judaicas ou idishistas?

**D** - Temos recebido, na maioria das vezes, bons comentários. É compreensível que muitas pessoas fiquem surpresas quando ouvem acerca do nosso conceito de metal, mas acabam descobrindo que ele pode ser legal! Além de vocês, a estação de rádio *Naye Khvalyes* foi a única organização idishista que nos contatou até agora. Eu realmente espero que isso mude. Se não for pela música, que certamente é difícil de digerir para muita gente, pelo menos pelo fato de estarmos escrevendo coisas novas em ídish, o que é muito pouco comum.

## ASA - Vocês se sentem parte de um esforço para manter o ídish como uma língua viva e vibrante?

**D** - O ídish está longe de ser uma língua morta. Ele segue vivo e bem de saúde no mundo ultraortodoxo, e qualquer um pode ouvi-lo nas ruas de Jerusalém, Nova York,

Divulgação



A banda acaba de lançar o seu primeiro CD

Paris ou de outra grande comunidade *haredi*. Nós esperamos ajudar a trazer o ídish de volta à vida no contexto do secularismo e dos ramos mais liberais da religião. Não somos pioneiros. Muita gente publicou material em ídish antes de nós, mas se queremos uma língua rediviva para além do mundo da ortodoxia religiosa, precisamos produzir ondas de material novo. De toda forma, considero qualquer um que desbrave novos espaços com o ídish um herói!

## ASA - Tenho visto pelo Facebook que vocês mantêm contato com o pessoal do Gevolt [banda israelense de Industrial Metal, com presença de violinos], que ainda não escreveu nada novo, mas tem feito versões bem radicais de velhas canções em ídish. Estariam assistindo ao nascimento do Yiddish Metal Army?

**D** - Hahaha, espero que sim! Mas duas bandas apenas estão longe de compor um exército. Ainda há muito espaço na cena do metal ídish. Realmente espero poder cooperar com os caras do Gevolt e fazer mais idishistas se interessarem por heavy metal e mais fãs de metal se interessarem pelo ídish. Aí, sim, vamos logo ter o nosso exército de metal ídish!

## ASA - E quais são os planos?

**D** - Continuamos vivendo o dia de hoje e tentando nos fazer conhecidos. Quando tivermos um número suficiente de fãs, esperamos estar prontos para colocar o Dibbukim na estrada e fazer shows mundo afora. Eu e Ida também já começamos a trabalhar algum material novo para o segundo disco.

## ASA - Nu Niklas, a dank pela entrevista e zai guezunt! Nos vemos na primeira turnê latino-americana dos Dibbukim!

**D** – Obrigado a vocês e zai guezunt! ■

*David Somberg, médico, é diretor da ASA e colaborador deste Boletim.*

# Ruas estranhas\*

**Motl Polansky**

Reprodução



Entre todas as ruelas de Securon, a Rua dos Açougues era, pode-se dizer, a residência da pobreza da cidade. Lá viveram, durante séculos, alfaiates, sapateiros, marceneiros, cortadores de peles, padeiros, vendedores de água, cocheiros e pobres em geral. As casas, nos dois lados da rua, eram baixas, curvadas. Parecia que uma entrava na outra, com telhados cobertos com finas placas de madeira, cheios de limo verde, com degraus e pequenas varandas de madeira. A Rua dos Açougues ladeava a vala que se estendia ao longo do riacho meio ressecado. No meio da rua, uma fila de barracas de madeira servia de açougue. Durante todo o ano, aí havia muita sujeira e um cheiro fétido, um ar empestado e um céu também revoltado. Dos montes de ossos exalava um ar sufocante. À volta dos açougues havia um permanente zum-zum de enxames de moscas, latidos de cachorros vira-latas cheios de feridas e doentes. Das casas, pelas portas e janelas abertas, ouvia-se o bater dos martelos, o barulho das máquinas de costura juntamente com canções sobre a miséria, sobre sofrimentos e amores infelizes. Crianças descalças com calças curtas vagueavam entre as casas imundas, correndo atrás dos cavalos, das carroças e dos vendedores de água. A água das chuvas fortes de verão corria de todas as ruas para a vala. A Rua dos Açougues parecia estar dentro de um rio para onde as crianças pulavam nuas, cantando e dançando, lançando à corrente barcos de papel, caixas de fósforo, rodinhas de madeira, palhas.

A rua se atordoava com as vozes das crianças cantando

“Deus, Deus, mande chuva / Para as criancinhas pequenas / Mas não esqueça / Que as crianças querem comer.”

Os velhos tinham que deixar seus trabalhos à procura de panelas, latas velhas e baldes e subiam para colocá-los nos sótãos, onde entrava a chuva pelas frestas do telhado de madeira fina, que com o tempo encolheram ou racharam.

A água entrava pela casa, molhando tudo. Aproveitando para mexer com Deus por seu comportamento, as pessoas amaldiçoavam as chuvas, sua sorte e suas próprias vidas tão amarguradas. O trabalho engolia a cada um, durante toda a semana, desde cedo até o anoitecer. Nas manhãs e nas noites, já bem tarde, trabalhavam à luz de velas e de lamparinas de querosene. Às sextas-feiras surgia uma multidão de cobradores para as dívidas da farinha, da lenha, do açúcar e da carne que haviam sido comprados fiado. Durante toda a semana, as dívidas cresciam como fermento.

Não muito longe da vala, o banho, uma construção de pedra, parecia estar se afundando. No banho trabalhou, por muitos anos, Yeftim, o bêbado. Seu trabalho consistia em mover a roda da bomba que puxava a água do rio para encher o reservatório. Nos dias em que o banho não funcionava, ele rachava lenha para aquecer o forno e completava o tempo correndo pelas ruas com uma corda na

mão, caçando cachorros e puxando-os para a vala que ficava atrás do banho. Quem o construiu, muitos anos atrás, foi o ricoço Berish Zisman. Ele construíra também um moinho atrás de sua casa. Todos os descendentes da família Zisman eram ricos. Um ficou com o moinho, ampliando-o. Outro ergueu uma fábrica de cerveja e vários outros empreendimentos. Suas suntuosas residências foram construídas nas ruas altas da cidade, onde se situavam também o mercado, a praça e grandes casas com suas lojas e barracas, pois lá ficava o centro comercial, com seu eterno *hu-há*, a concorrência e a selvagem corrida pelos lucros. Parecia que entre as ruas de baixo e as ruas de cima não havia nada em comum. Mas, na verdade, uns não podiam viver sem os outros.

Numa destas casas próximas à vala morava Zudec, o encadernador. Ele era paraplético das duas pernas, e deram-lhe o apelido de o manco encadernador. Viúvo havia muito tempo, tinha um filho, Mordke, de 16 anos, que trabalhava como balconista em uma loja e deixava o pai doente sozinho durante todo o dia.

Zudec fazia qualquer coisa: colava uns livros, consertava outros e gostava muito de jogar xadrez. Tinha muitos amigos que podiam visitá-lo quanto e quando quisessem. Para jogar uma partida de xadrez, ele sempre abandonava o mais urgente dos trabalhos. No jogo, tinha os seus princípios. Dizia: uma partida inteligente de xadrez não pode ser feita na base dos erros do parceiro. Por isso, pode-se voltar atrás a um passo mal dado. Diferente é quando se dá um mau passo na vida; voltar do mau passo nem sempre é possível. Eu visitava assiduamente a casa do encadernador. Lá o encontrava trabalhando ou, às vezes, registrando alguma coisa num caderno. Dizia, sorrindo, que o homem sempre tem alguma coisa a lembrar, para ver o que houve de bom ou de ruim. “Mas a vida, por acaso, não é sempre igual?” “Igual ou não igual”, retrucava, “o mundo todo foi mal-feito do começo ao fim, e a nós cabe apenas

não escolher o caminho torto. Por isto é que eu faço anotações. Pode ser que um dia sirvam a meu filho.”

Tsipre, a vendedora de galinhas, morava na vizinhança e trazia, às vezes, um copo de chá ou torresmos. No inverno, aquecia o forno e fazia outros serviços caseiros. Ainda da rua ela fazia ouvir sua voz masculina. Quando nada fazia, ela tagarelava; não parava de falar. De repente, interrompia o trabalho e começava a dançar. Uma pobrezinha alegre. “Elas se admiram, as minhas ricas patroas”, dizia, com dificuldade de respirar após a dança. “Elas não compreendem por que eu danço o meu *pompador*. Escute só, meu vizinho, escute só a grosseria dessa gente. Eu lhes levo galinhas, gansos, e elas me deixam entrar somente na cozinha. Por quê? Porque minhas botas não estão em ordem. Nem me mandam sentar. Eu nem ligo, nem lhes dou confiança. Eu faço o meu trabalho. Não peço nada a ninguém. Ganho o meu com o suor do meu rosto. Criei, graças a Deus, sem marido, meus dois tesouros, minha Fêiguele, uma pombinha quieta – as mais ricas podem me invejar –, e o meu Lêibe. Meu Deus, que grande brilhante ele é. E as minhas patroas me perguntam: ‘Que alegria é essa, Tsipre?’ Aí eu respondo: ‘Vocês sabem que eu não aprendi a ler nem a escrever, mas uma coisa eu sei: sei que o mundo é redondo, e o que é redondo gira, e o que gira pode virar para o outro lado, e vocês, patroas, sabem disso. É por isso que estão sempre zangadas, andando pelas ruas com suas botas pesadas e com a sacola cheia de mercadorias para os ricos.’”

Ela não parava de falar do mundo em geral, soltando os cachorros sobre os ricos e, especialmente, sobre o patrão de Lêibe. “Eles vão encher as bolsas de dinheiro enquanto o meu filho vai passar noites inteiras tossindo. Não basta que se trabalhe na casa dos Berzelech o dia inteiro em troca de nada. Não basta fazer todos os serviços, secar peles, rodar a prensa, limpá-las e clareá-las, depois tingir com uma aguinha perigosa que penetra lá no fundo do coração, queimando os pulmões e fazendo com que se passe noites inteiras tossindo. Por quê? Porque eles dizem que as peles ficam com um brilho especial que agrada até aos americanos.”

Uma vez, quando estava sentado com o encadernador, concentrado em uma partida de xadrez, Tsipre apareceu, pôs na mesa um prato com bolinhos e, agitada, começou: “Eu vou simplesmente estourar de dor. Diga, meu caro vizinho, como um homem pode encerrar tanto banditismo? Eles vão acabar com meu filho. Por que ele tem que trabalhar tanto? Por que tem que perder o pulmão por causa deles?” “Assim é o mundo”, respondeu o encadernador, pensando acalmá-la. “Quando experimentam o gosto da riqueza, aí não se fala mais em honestidade. Assim é o nosso mundo torto.” “Então, que vão para o inferno”, bradou Tsipre. “O mundo todo já pode virar para que troquemos os lugares. Por acaso não posso ser uma bonita patroa? Por acaso não posso morar numa dessas bonitas casas?” “Neste caso, a senhora é

### Trouxeram o garoto para casa com a mão dilacerada.

mesmo mulher”, respondeu o encadernador, ajeitando os óculos no nariz. “Então, qual seria a vantagem? Vai ser a mesma coisa, vai continuar como está outra vez, ricos e pobres. Não, não há que virar o mundo, mas sim consertá-lo, igualá-lo!”

O patrão do filho do encadernador era conhecido por sua riqueza e avareza. Chamavam-no Menashe, o avarento. Uma das melhores casas da cidade era a sua. Situava-se no centro da cidade. Bem alta, tinha portas e janelas bonitas e muitos degraus de pedra. Além da loja de tecidos, ele tinha também várias lojas para aluguel. Contam que era tão miserável que no seu livro de contabilidade ele anotava tudo diariamente, como por exemplo, “prejuízo pelo gato que virou a panela de leite – 5 Lei”, “lucro pelo gato que aluguei para o senhor Chaim Stelnic para caçar ratos – 3 Lei”. Trabalhar para um homem desses não era coisa fácil. Ele mais abusava era do filho do encadernador, que não tinha quem o defendesse.

Aconteceu em Purim. Na cidade já se assavam as *matsot*. O empresário era

Menashe, o avarento. Ele havia alugado o depósito de Guedálie, o cocheiro, lá colocado uma máquina e alguns empregados. Ele mesmo não descansava. Quando não havia muito movimento na loja de tecidos, mandava o filho do encadernador trabalhar nas *matsot* para economizar um empregado. Um dia, trouxeram o garoto para casa com a mão dilacerada. Ela havia sido presa pela máquina. A casa estava cheia de gente, o sangue corria pela mão, o garoto gritava de dor e de medo. O encadernador, sentado em sua cadeira alta, com os pés parados em suspenso, o rosto amargurado, soluçava profundamente. Apareceu Moishe, o marceneiro, um judeu de 80 anos, baixinho, robusto e valente. Tinha um rosto avermelhado, um nariz largo e achatado. Em todos os desastres acontecidos na cidade, ele era o primeiro a aparecer. Nos pogroms dos vândalos, dirigia a autodefesa. Num incêndio, era o primeiro a subir no telhado e comandar o combate ao fogo. Quando jovem, trabalhara em uma fábrica de azeite. Certa vez, a máquina prendeu sua mão e esmagou os dedos. Ele rapidamente pegou um machado e cortou os dedos que pendiam. Em uma palavra, era um atleta. Aguardente comum, ele não bebia nunca. Só álcool puro de 96°. Ter prazer na bebida? Só com 96°, dizia.

Chegando à casa, ele logo dispersou a multidão e foi examinar a mão do garoto. Rapidamente, arrancou o pedaço de um lençol, molhou com água e amarrou a mão, apertando com força. “Que vá pro inferno esse bandido”, gritou, “para esse miserável tudo é pouco.” Tsipre, assustada, andava de um lado para o outro estalando os dedos. “Como é, meu vizinho? O que vai dizer agora?” O encadernador, sentado em sua cadeira, calado, paralisado, soluçava. Depois, começou a falar: “Era só isto o que me faltava, um desastre gratuito. Eu mereço? Mas nada será esquecido, tudo ficará anotado, está ouvindo, Tsipre? Tudo será anotado, as mãos dilaceradas de meu filho Mordke, os pulmões queimados do teu filho Lêibe, tudo será lembrado, tudo. ■

(continua no próximo número)

Tradução de Isaac Acelrad

\* A Parte 1 está disponível no site da ASA.

# Érico e Israel

Henrique Veltman / Especial para ASA

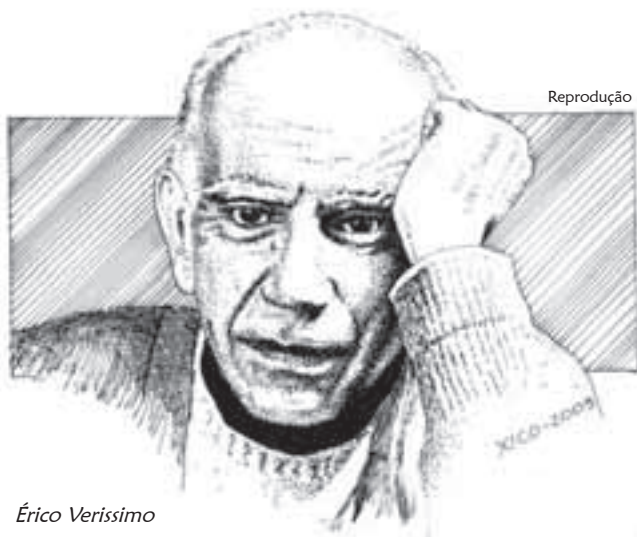
Em dezembro de 1973, o auditório do Anhembi, em São Paulo, foi palco da primeira reunião pública, política, desde o golpe militar de 1964. Na verdade, era um ato da comunidade judaica de solidariedade a Israel, naquele momento vivendo ainda os duros efeitos da guerra do Iom Kipur. Foi o primeiro ato público no qual o principal orador foi o Ulysses Guimarães.

Outra figura notável deveria participar dessa memorável Noite – chovia torrencialmente na capital paulista, mas o Anhembi estava lotado: o escritor Érico Veríssimo. Mas ele já estava muito abatido, cardiopata, e convalescendo de novo enfarte. Não podia vir ao encontro, apesar da promessa que nos fizera em Porto Alegre, alguns dias antes. Mandou uma fita, gravada com aquela sua voz clara e precisa.

Tudo isso, para frisar a relação do escritor com o povo judeu e o Estado de Israel.

A fita sumiu. Fica este registro aqui na esperança de que o tape esteja conosco. Mas a fala de Érico não era muito diferente do que ele escreveu na introdução do seu livro *Israel em Abril*. Que eu aproveite para reproduzir aqui, com alguns cortes, sentindo muitas saudades do grande escritor:

“*Israel em Abril* parece-se na estrutura e no espírito com o livro que escrevi há tempos sobre o México. Quis uma vez mais fazer o leitor viajar comigo, metido na minha pele, vendo e entendendo (ou não) pessoas, lugares e coisas através de meus sentidos e de meus pontos de referência psicológicos. Como repetidamente tenho dito e escrito, sou um pintor frustrado, um enamorado das formas e das cores. Plástica é a minha



Érico Veríssimo

visão do mundo e da vida. Aqui está, pois, um punhado de aspectos humanos, geográficos e históricos de Israel e da velha Palestina, alguns apenas esboçados em preto e branco, outros – a maioria –, na forma de sumárias aquarelas. O importante para mim é que essas pinturas verbais consigam transmitir fielmente aos que me lerem as impressões que tive de Israel e dos israelenses.

Ficará logo evidente que escrevi este livro com muita simpatia pela causa dos judeus em geral e pelo Estado de Israel em particular, o que não significa que tenha qualquer má vontade para com os países árabes. Quem quer que, como eu, haja sido alimentado na infância e na adolescência com as saborosas e esquisitas tâmaras que são as histórias de *As Mil e Uma Noites* não poderá ficar imune ao encanto da civilização islâmica, cuja grande importância só um irremediável ignorante de História se negará a reconhecer.

Para falar a boa verdade, este livro foi escrito exatamente três anos após minha visita a Israel. Juro que tentei observar uma certa uniformidade na grafia dos nomes de pessoas e lugares. Quando,

porém, descobri que existem muitas maneiras de representar foneticamente os vocábulos hebraicos e árabes, desisti do honrado mas fútil propósito. Peço aos leitores que tenham paciência com as incoerências ortográficas que encontrarem nestas páginas, nas quais, entre outras liberdades, tomei a de usar letras como o k e o y, há muito expulsas de nosso alfabeto. Consola-me a ideia de que não será a mudança de uma, duas ou mesmo três letras num substantivo próprio ou comum que vá alterar a natureza ou a fisionomia da pessoa ou lugar que designa. Num ponto, porém,

fui intransigente: repudiei, por absurda para nós, a grafia inglesa em que o sh aparece como som de ch. Isto explica a razão pela qual escrevo chalom em vez de shalom.

Quando comecei a trabalhar neste livro, minha intenção era ‘pintar’ Israel com a despreocupada alegria lúdica dum artista em férias. Eis que lá pelas páginas tantas me vi metido nessa emaranhada e misteriosa que é a história do judaísmo, a me fazer perguntas perigosas como ‘Que são os judeus? Uma raça? Um povo? Um conjunto de tribos unidas por uma religião comum?’ Se o bom-senso não me houvesse agarrado a mão, talvez eu tivesse produzido um calhamaço de mil páginas, sem ter sequer “começado” a extricar o mistério e a complexidade dos hebreus – a minoria mais verbal, polêmica, brilhante e ruidosa da história da espécie humana.

Bom, seja como for, o livro está escrito. Agora, o resto é com vocês. E.V.” ■

**Henrique Veltman**, carioca, 75 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.



# Por uma AMIA laica

Daniel Silber / Especial para ASA

No dia 10 de abril, realizaram-se as eleições para a nova diretoria da AMIA – Asociación Mutual Israelita Argentina. A AMIA é integrada por pessoas, não por instituições, e vem assumindo uma quantidade muito importante de funções dirigidas à comunidade judaica de Buenos Aires e seu entorno, entre elas a assistência social, a educação judaico-sionista, a cultura, o suporte à rede escolar judaica sionista, a manutenção do culto, os cemitérios e o único rabinato que concede certificados de judaísmo reconhecidos em Israel. É a maior instituição comunitária, com cerca de 22 mil sócios. Além disso, preside a Federação de Comunidades Judaicas da República Argentina, composta por comunidades do interior do país. É uma entidade complexa em sua estrutura e completa em sua ação.

Seu papel foi potencializado após o cruel atentado de 18 de julho de 1994, no qual – além da destruição total do seu edifício, no centro de Buenos Aires – 85 pessoas morreram. O atentado permanece impune devido a uma obscura e densa trama de complacências e ocultamentos por parte de diversos organismos nacionais, apesar das profundas e constantes reivindicações intra e extracomunitárias, nacionais e internacionais.

A crescente relevância política das eleições na AMIA foi reforçada pelo fato de a última diretoria da AMIA ter-lhe imprimido um caráter diferente do adotado até então.

Até 2008, a direção esteve a cargo do Avodá (vinculado ao Partido Trabalhista de Israel). Contudo, nas eleições daquele ano, o setor da ortodoxia religiosa encabeçado por Guillermo Borger obteve o maior número de votos, embora não a maioria absoluta. Após um acordo entre representantes religiosos ortodoxos e conservadores, Borger foi escolhido por voto indireto. Sua gestão foi contrária à tradição da AMIA. Entre outras coisas, teve como líder espiritual o rabino Samuel Levin

(que declarou inaceitáveis os casamentos mistos) e se propôs a reforçar o papel da AMIA como representante dos judeus genuínos, que, segundo sua interpretação, têm “...uma vida baseada em tudo o que dita a *Torá*, nosso livro sagrado...”.

Posteriormente, estourou uma polêmica sobre a possibilidade de enterrar nos cemitérios judaicos pessoas convertidas em rituais não ortodoxos. As posições de Borger levaram setores laicos a se unir com o objetivo de recuperar a AMIA das mãos dos religiosos. Os rabinos ortodo-

## O debate foi resolvido da pior maneira.

xos reagiram com campanhas de filiação para disputar as eleições de abril último em condições melhores. Esta estratégia teve o respaldo financeiro de poderosos empresários religiosos.

O debate com os reformistas foi resolvido da pior maneira, por exemplo, com a não aceitação dos enterros de convertidos ao judaísmo. Muitos setores da comunidade, sentindo-se na prática excluídos e ideologicamente em confronto com as concepções da direção neste e em outros assuntos, procuraram atuar de forma conjunta para substituir os atuais dirigentes. Assim, constituíram a Ação Plural, vasto espectro comunitário cuja aspiração é fazer com que a AMIA volte a trabalhar para todos os judeus, e não só aqueles assim definidos por Borger. A Ação Plural foi composta por organizações que vão do polo progressista (ICUF, Meretz, Convergência e independentes) ao sionismo independente e inclusive ao movimento conservador.

Entre as suas propostas estão: aumento e democratização do orçamento educacio-

nal; honorabilidade dos candidatos; formação de dirigentes de todas as correntes e instituições; promoção da participação juvenil; ampliação da rede de ajuda social e de conteúdo espiritual; sepultura judaica para todos os judeus; esclarecimento dos atentados à AMIA e à Embaixada de Israel com julgamento e punição para os autores materiais e intelectuais e para os seus acobertadores; reforço de vínculos com o Estado de Israel, no qual reconhecemos o centro da vida judaica; autonomia da comunidade judaica argentina com relação aos diferentes fatores de poder; compromisso irrestrito com os valores da democracia e dos direitos humanos, assim como com a luta permanente contra todo tipo de discriminação; envolvimento em tudo o que respeita ao desenvolvimento com justiça e a prosperidade de nosso país; revisão dos Estatutos da AMIA, a fim de adequá-los às necessidades atuais.

Quase 50% dos aptos a votar participaram das recentes eleições, mas nenhuma das quatro listas obteve maioria absoluta, seguindo-se árduas negociações, infrutíferas até o momento em que escrevo este artigo.

Diante dos grupos fundamentalistas ortodoxos que aplicaram políticas de discriminação e exclusão, tais como a imposição de práticas religiosas dentro da AMIA e em instituições educacionais, discriminação por gênero e desconhecimento da patrilinearidade para a condição de judeu, o ICUF e o polo progressista estão buscando o consenso. Confiamos no predomínio dos princípios vislumbrados por um acordo e na recuperação da AMIA com uma visão laica. Do contrário, teremos perdido uma boa oportunidade. Ao mesmo tempo, estaremos dando mais um passo na nossa participação autônoma e independente desta organização, da qual não participávamos desde 1953. ■

*Daniel Silber é presidente do ICUF na Argentina.*

# A reconciliação

**Shlomo Brom\***

O anúncio egípcio de que Fatah e Hamas alcançaram um acordo de reconciliação pegou muita gente de surpresa, inclusive palestinos, Israel e EUA. O principal impacto das concessões, tornando o acordo possível, foi sobre o Hamas. A proposta egípcia fora apresentada em outubro de 2010 com base em ideias de Mahmud Abas, mas o Hamas a rejeitou de cara. Mudou de posição agora, aparentemente porque não tem nenhuma certeza de que os acontecimentos no mundo árabe o beneficiarão. A revolução que derrubou o regime de Mubarak e os protestos em outros países têm sido conduzidos por elementos seculares liberais não simpatizantes da ideologia do islã político. Deste ponto de vista, a posição do Hamas é frágil. Seu mandato expirou e não houve novas eleições. Ele governa a Faixa de Gaza por meio do seu aparelho de segurança. Pesquisas indicam um declínio no apoio ao Hamas, que teme que os levantes no mundo árabe ocasionem um levante similar contra ele. Este medo se refletiu na brutal repressão às manifestações realizadas em Gaza em apoio à reconciliação com o Fatah. Além disso, os eventos na Síria indicam que o Hamas pode perder a sua base de apoio lá. Do ponto de vista do Hamas, o impasse no processo de paz retirou um obstáculo ao acordo de reconciliação. Se as negociações forem inviáveis, o Hamas não terá motivo para temer alguma concessão.

De sua parte, Abas tinha que aceitar um acordo que se baseava em suas próprias propostas. De fato, aqui os protestos e manifestações não exigiam a derrubada do regime, mas a reconciliação nacional. Aqui também o impasse no processo de paz teve um impacto significativo. Não obstante a confiança dos palestinos no reconhecimento do seu Estado, eles não se sentem absolutamente seguros. A Assembleia Geral vai apoiar um Estado palestino nas fronteiras de 1967, mas do

ponto de vista prático nada acontecerá. A frustração do público palestino poderá causar sérios danos à Autoridade Palestina (AP) e ao Fatah.

Ambas as partes concordaram em estabelecer um governo de união nacional formado por tecnocratas, não por políticos. Concordaram em realizar eleições presidenciais, legislativas e para o Conselho Nacional Palestino (CNP), da OLP, no prazo de um ano. O Hamas se unirá à OLP. Nesse ínterim, a segurança na Margem Ocidental continuará sendo controlada pela AP e na Faixa de Gaza, pelo Hamas. Os prisioneiros políticos mantidos por ambos serão libertados.

## O diabo está nos detalhes.

O diabo está nos detalhes. Abas quer que Salam Fayad continue primeiro-ministro. O Hamas o considera um amargo inimigo. Os dois lados irão brigar pela composição do comitê eleitoral central. O Fatah pediu a mudança do sistema de eleições para o Conselho Legislativo por considerar que este beneficia o Hamas. Outro ponto da discórdia são as condições para se unir à OLP: o Hamas tentou obter um certo (alto) percentual de representatividade nas instituições da OLP ainda antes das eleições. A questão das eleições para o CNP é complicada devido à necessidade de realizá-las nos territórios e na diáspora palestina. A despeito do acordo sobre controles de segurança separados, cada lado tentará estabelecer a sua presença no território do outro. Os prisioneiros serão libertados? Abas, para quem a libertação de prisioneiros envolvidos em terrorismo poderá causar problemas com Israel e a comunidade internacional, já declarou que a AP não mantém prisioneiros políticos.

Israel e os EUA pretendiam, com suas políticas, provocar a redução do apoio ao Hamas. Para o governo americano, a assinatura de um acordo permanente com o apoio da população palestina aumentaria tremendamente a pressão sobre o Hamas e conduziria à reunificação das duas áreas sob a AP. Israel não foi capaz de explicar como o declínio no apoio ao Hamas, sobretudo em Gaza, causaria a queda do seu regime, e os EUA não conseguiram impulsionar negociações efetivas. Além disso, a interrupção do bloqueio por Israel após o caso da flotilha fez melhorarem a situação econômica e a qualidade de vida em Gaza.

O acordo Fatah-Hamas realçou a natureza problemática desta situação. As partes parecem responder com reflexos condicionados. O governo israelense ameaça não negociar com Abas quando não há negociações, mas também ameaça interromper o fluxo de dinheiro proveniente de impostos para a AP. Também no Congresso americano ameaça-se prejudicar a ajuda financeira para a AP. Porém, outras vozes na arena internacional manifestam apoio ao acordo Fatah-Hamas.

Israel e EUA terão que decidir se o acordo traz só riscos – sobretudo o de o Hamas assumir o comando da AP – ou se oferece oportunidades. Caso seja resultante da fraqueza do Hamas, vale a pena examinar se é possível o presidente da AP e o governo de tecnocratas manterem a atual relação com Israel, forçando o Hamas a engolir o sapo e cooperar com um processo que, em última análise, pode ameaçá-lo. A participação no governo palestino e a realização de eleições também pressionarão o Hamas a manter na Faixa de Gaza a calma que poderá ajudar no avanço do processo diplomático. ■

*\* Do The Institute for National Security Studies, da Universidade de Tel Aviv.  
Traduzido e condensado por S.M.G.*

## CARTAS

■ **Resposta da FIERJ e do Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro a Beatriz Kushnir, historiadora e diretora do Arquivo Geral do Rio de Janeiro**

A Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro (FIERJ) e o Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro admiram todos os que lutam pela preservação da história brasileira, em especial a da comunidade judaica em nosso país. Beatriz Kushnir, historiadora e diretora do Arquivo Geral do Rio de Janeiro, é uma dessas pessoas. Autora do livro *Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição*, ela contribuiu para transmitir às novas gerações um traço da antiga imigração judaica na cidade.

No entanto, seu discurso de agora ("Os ciclos da vida", ASA 130) apresenta preconceitos e improcedentes reclamações contra o trabalho da FIERJ e do Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro. Suas palavras, por não corresponderem à realidade, comprometem um trabalho sério que foi e continua sendo feito. Ao contrário do que a historiadora afirmou no *Programa do Jô*, da Rede Globo, em

veículos da mídia impressa e no aludido artigo aqui publicado, as duas instituições estão empenhadas na manutenção do Cemitério Israelita de Inhaúma e do que ele representa para a história do país.

Em dois anos, foram investidos mais de R\$ 300 mil em levantamento dos nomes das pessoas sepultadas no local, completa reforma dos túmulos, produção de lápides, organização e limpeza. Em respeito aos que ali descansam, foi um trabalho minucioso, criterioso e incansável. Além disso, foram incrementadas iniciativas sociais junto às comunidades vizinhas, que pararam de usar o campo santo como depósito de lixo graças a esse bom relacionamento.

Ao longo desse tempo, a FIERJ e o Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro sempre acreditaram que uma das maneiras de dar continuidade à revitalização do Cemitério Israelita de Inhaúma é fazendo com que se torne novamente um local adequado a cerimônias de sepultamento, integrando-o à vida comunitária. Sem isso, por se localizar em um bairro distante das regiões onde a maioria dos judeus cariocas reside, o cemitério permaneceria condenado à pouca visitação.

A proposta de cercar com plantas de pequeno porte a área das lápides já existentes serve como forma de preservação maior da história do local, o que também não foi entendido pela historiadora. Tanto não há preconceito contra a história do grupo que uma das participantes da associação das polacas veio a ser sepultada no Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro.

O tombamento pela Prefeitura do Cemitério Israelita de Inhaúma e as críticas preconceituosas de Beatriz Kushnir apenas prejudicam o processo de revitalização, que inclui um futuro museu. Na Diretoria da FIERJ e do Cemitério Comunal Israelita, há membros cujos antepassados iam ao porto da cidade para receber e amparar como podiam os, então, novos imigrantes. Diante de tais exemplos de solidariedade, além da mágoa causada pelo não reconhecimento do trabalho feito, é de se lamentar que a preservação de nossa história venha a ser comprometida por falsos argumentos.

*Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro - FIERJ  
Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro*

Cartas para ASA: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br  
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

## NOTAS

## Circulando

■ **O presidente** Mauro Band representou a ASA em dois eventos importantes. No dia 9 de maio, compareceu à Câmara dos Vereadores para o ato em comemoração ao 63º aniversário do Estado de Israel. No dia 27 de maio, participou, também na Câmara dos Vereadores, do 24º aniversá-

rio do COMDEDINE – Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro.

■ **O Coral da ASA** participou de dois eventos em maio: dia 16, no 18º aniversário do Coral Tijuquano, no Tijuca Tênis Clube, e dia 21, no 6º Encontro de Corais Judaicos Professor Jaques Nirenberg, na Hebraica.



Foto Gittel Bucarecky

*Os 11 anos da turma de dança israeli da ASA foram comemorados no dia 7 de junho com o professor, o coreógrafo Rafael Barreto de Castro. Há vagas.*

## China

■ **O engenheiro** Raymundo Oliveira, ex-presidente do Clube de Engenharia, fez palestra sobre a China no dia 5 de junho.



Raymundo visitou aquele país, que desponta como um dos principais protagonistas da cena internacional no século 21, e trouxe informações importantes sobre assuntos como o estágio de desenvolvimento tecnológico chinês, a forma peculiar que assume o socialismo entre os chineses e os cenários possíveis nas relações com o Ocidente.

## Os judeus no Rio

A ASA ofereceu um amplo painel da vida judaica no ciclo “Os judeus no Rio”, ao longo do mês de maio, com a participação dos professores Fania Fridman e Flavio Limoncic (as origens da comunidade), os professores Sonia Kramer e Henrique Samet (a vida política e a criação das instituições), a pesquisadora Joëlle Rouchou (a vinda dos judeus expulsos do Egito por Nasser), a escritora Esther Largman (a história das chamadas polacas), a jornalista Heliete Vaitsman e as diretoras do Museu Judaico Ana Antabi e Rachel Niskier (formação dos núcleos comunitários nos bairros da Leopoldina e da Central), e o vice-presidente da FIERJ Helio Koifman (atualidade e perspectivas da comunidade Judaica). Para ilustrar a palestra sobre a prostituição das *polacas*, foi exibido o documentário *Aquelas mulheres*, de Verena



O diretor Jacques Gruman, Esther Largman e Joëlle Rouchou



A diretora Fanny Cytryn, Flavio Limoncic e Fania Fridman



Foto Jacques Gruman

O presidente Mauro Band, Rachel Niskier, Ana Antabi, Heliete Vaitsman e Helio Koifman



Henrique Samet, Sonia Kramer e o diretor Jacques Gruman

Kael e Matilde Teles, e, encerrando o ciclo, o documentário de Radamés Vieira *Judeus de Nilópolis*. As mesas tiveram grande en-

volvimento do público, cuja participação estendeu todas as noites do ciclo muito além da hora prevista.

## 16º Encontro Coral da ASA

Um auditório superlotado aplaudiu com entusiasmo a primeira parte do 16º Encontro Coral da ASA, no domingo dia 19 de junho. O **Coral da ASA** (regente Claudia Alvarenga), como é tradição, abriu o evento, interpretando *Hine ma tov*, *Hava netse bemahol*, *Horshat ha-ekaliptus*, *Had gadiá/A velha a fiar* e *E o mundo não se acabou*. Seguiram-se o Coro Oficina da Associação de Canto Coral (regente Guilherme Barroso) e o Coral Amigos do São Vicente (regente Malu Cooper). O Dá no Coro (regente Sérgio Sansão) aproveitou a oportunidade para estrear os cinco arranjos do repertório apresentado. Na segunda parte do Encontro, domingo dia 3 de julho, vão se apresentar o Coral da Embratel, o Coral da Sociedade Hebraica de Niterói, o Harte Vocal e, novamente, o **Coral da ASA**.



- 1 - Coro Oficina da Associação de Canto Coral
- 2 - Coral Amigos do São Vicente
- 3 - Parte do público
- 4 - Dá no Coro
- 5 - Coral da Asa

### ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001